

'Fora do pacto o Brasil não tem solução'

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — Só existe um caminho para o Brasil superar suas dificuldades: o entendimento político para o qual o Presidente Collor está conclamando toda a Nação. A afirmação é do ex-Presidente e Senador José Sarney (PMDB-AP),

que falou ao GLOBO ontem, pouco depois de ter recebido o próprio Collor, no Sítio do Pericumã.

Durante duas horas e meia, Sarney e Collor conversaram praticamente sobre tudo, mas, principalmente, sobre o Projeto de Reconstrução Nacional.

— O que o Presidente acaba de fazer deveria ser normal — disse Sarney, ao saudar um dos fatos raros acontecidos na política brasileira: a de um

Presidente procurar seu antecessor para buscar experiências e sugestões para o País.

Além de demonstrar satisfação com a conversa que acabara de ter com Collor, o Senador deixou claro que está disposto a colaborar:

— Acho que ninguém pode se furtar a colaborar para encontrar soluções, no momento em que o País atravessa graves problemas.

Sarney repeliu com veemência a insinuação de que o encontro entre os dois servira para Collor barganhar seu apoio no Congresso em troca da promessa de construir a Ferrovia Norte-Sul.

— Dizer isso é subestimar a competência política do Presidente e tentar colocar em patamares subalternos a nossa preocupação com os problemas do Brasil — reclamou o ex-Presidente.

O GLOBO — Qual a interpretação que o senhor faz do gesto do Presidente Collor de procurá-lo pessoalmente para discutir os problemas do País?

SARNEY — Foi um gesto de extrema delicadeza e, ao mesmo tempo, muito significativo. Quer dizer que, num grande país como o Brasil, os homens públicos podem se entender e dialogar em torno de problemas que dizem respeito ao interesse nacional, quaisquer que sejam as suas posições políticas ou as suas divergências.

O GLOBO — O País está preparado para o entendimento nacional?

SARNEY — Achei o Presidente muito determinado na sua ação de buscar o entendimento nacional. Acho que ninguém pode se furtar a colaborar para encontrar soluções, num momento em que o País atravessa graves problemas.

O GLOBO — O senhor já tinha lido o projeto que o Presidente acaba de lhe entregar?

SARNEY — Já li o projeto em suas linhas gerais e acredito que o debate das idéias é um caminho certo e salutar.

O GLOBO — O senhor tentou, em seu Governo, promover esse tipo de entendimento, na época chamado de pacto. O senhor acha que o Presidente Collor conseguirá fazê-lo?

SARNEY — Eu sei que o Presidente Collor tem muitas dificuldades. Primeiro ele tem de lidar com a situação internacional, na qual o Brasil hoje passa a não ser prioridade a níveis estratégicos mundiais. Então, temos de encontrar um caminho para reintegrar o País nesse novo panorama mundial. E cabe ao Presidente conduzir esse processo. Em segundo lugar, as dificuldades que ele en-

frenta neste momento para a elaboração de um projeto de consenso, já que temos problemas graves como a recessão, o desemprego, o baixo nível dos salários, a atomização partidária e a falta de uma maioria estável no Congresso. Mas senti da parte do Presidente uma determinação muito grande. Eu não tive, durante o meu Governo, êxito na proposta do pacto nacional, embora tenha buscado isso. E acho que fora desse pacto não temos outra solução. Temos que caminhar justamente nessa área, no terreno neutro do consenso.

O GLOBO — O senhor reconhece ser fato raro na História do País um Presidente procurar seu antecessor, que não é de seu partido, para conversar, ouvir sugestões e buscar soluções para o País?

SARNEY — Os costumes políticos brasileiros sempre foram o de manter a cordialidade, a educação política. Essa exacerbação não tem sido comum ao longo da

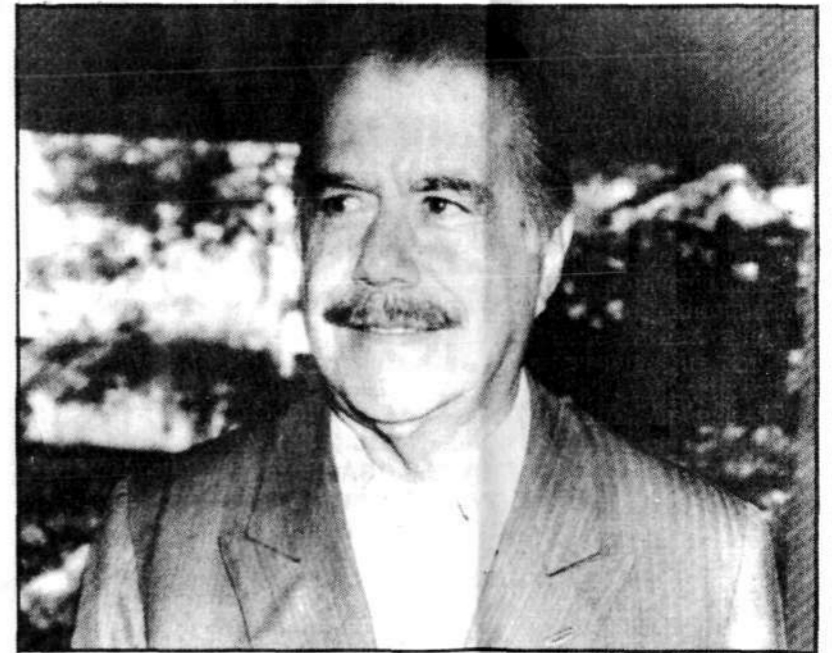
História brasileira, senão em algumas exceções. O que o Presidente Collor acaba de fazer deveria ser normal.

O GLOBO — Parece que dois motivos levaram o Presidente a procurá-lo: o primeiro, a experiência adquirida pelo senhor no exercício do cargo e, segundo, o fato de o senhor ser dono da maior bancada no Legislativo. Qual a força que o Senador José Sarney tem no Congresso?

SARNEY — Acho que o que tenho são amigos e uma vida toda de experiência política que devo dedicar a serviço do País. É o que pretendo fazer no Congresso Nacional.

O GLOBO — Senador, é verdade que o senhor está trocando o PMDB pelo PTB?

SARNEY — Não há nada de concreto a respeito disso. Não pretendo deixar o PMDB.



«Ninguém pode se furtar a colaborar para encontrar soluções no momento em que o País enfrenta graves problemas»